



O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos

Gislaine Cristina Da Silva

Olíria Martins Ribeiro

Orientadora: Profa. Dnda. Maria Madalena Borges-Gutierre

Resumo: Ao tratar das estreitas relações entre a linguagem e a vida, Mikhail Bakhtin propõe que se compreenda a linguagem nas esferas sociais em que é produzida e em que circula. A linguagem reflete e retrata os movimentos sociais, históricos e culturais, ao mesmo tempo em que se constitui e se organiza em gêneros discursivos. Na proposta teórica do *Círculo de Bakhtin*, os gêneros do discurso produzem formas-padrão “relativamente estáveis” de enunciados - os gêneros do discurso. Com base nessas reflexões, o presente trabalho propõe analisar e descrever como os usuários da rede social *Facebook* utilizam o texto literário no *box status*. O principal objetivo é refletir sobre os movimentos da linguagem e a definição de novas funções para o texto literário, tendo em vista as alterações observadas nos aspectos composicionais e estilísticos. Consideramos, na análise, que, ao circular em outro contexto de interação verbal, o discurso literário dialoga com o discurso de autoajuda e põe o enunciador na condição de quem reflete sobre a própria existência. Partimos da proposta teórico-filosófica de Bakhtin (1997; 2010) sobre gêneros discursivos e dialogismo. Para tratar do discurso de autoajuda, tomamos como referência a pesquisa de Oliveira (2006), Rudiger (1995), Celusso (2011) e Chagas (2001). Visamos à descrição e à análise dos novos modos de organizar a linguagem no *Facebook*, no contexto do avanço tecnológico e da criação de espaços virtuais de interação.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Discurso literário. Discurso de autoajuda. Rede social. *Facebook*.

Abstract: When dealing with close links between language and life, Mikhail Bakhtin proposes to understand the language in social spheres in which it is produced and circulates. The language reflects and portrays the social movements, cultural and historical at the same time it is constituted and organized into discursive genres. In the theoretical proposal of the *Círculo de Bakhtin*, the discursive genres produce standard forms "relatively stable" of statements - the genres of discourse. Based on these reflections, this paper aims to analyze and describe how users of a social network called Facebook use the literary text in the box status. The main objective is to reflect on the movements of the language and the definition of new functions for the literary text, regarding the changes observed in the compositional and stylistic aspects. We consider, in the analysis, that the circular in another context of verbal interaction, the literary discourse converses with the self-help discourse and puts the enunciator on condition of who reflects on his own existence. We started from the theoretical and philosophical proposal of Bakhtin (1997; 2010) about discursive genres and dialogism. To deal with the self-help discourse, we took as a reference the research of Oliveira (2006), Rudiger (1995), Celusso (2011) and Chagas (2001). We aim, in the description and in the analysis, new ways of organizing the language on Facebook, in the context of technological advancement and the creation of virtual spaces of interaction.

Keywords: Discursive genres. Literary discourse. Self-help discourse. Social network. Facebook.

1 Introdução

Ao longo das últimas décadas, tem-se constatado uma sensível evolução dos meios de comunicação. Com a ampliação do acesso à *Internet* e o surgimento das redes sociais, desenvolvem-se novas práticas comunicativas e, simultaneamente, a linguagem adapta-se às situações de interlocução e se organiza em gêneros de discurso.

Os gêneros do discurso são compreendidos, neste estudo, na perspectiva teórico-filosófica do *Círculo de Bakhtin* (BAKHTIN, 2010), em que o enunciado organiza-se para possibilitar a interação nas esferas sociais de produção e circulação de linguagem; ao mesmo tempo, retrata e reflete essas esferas sociais.

Ao integrar um novo contexto de interação verbal, os discursos tendem a se hibridizar para dar origem a outros discursos. Essa hibridização justifica-se pela característica essencialmente dialógica da linguagem, tanto em relação ao processo coletivo de sua produção quanto em relação à vida. Nas relações dialógicas, o sujeito (a sociedade), o tempo (a história) e o espaço (a cultura) constituem o contexto imediato em que a linguagem se organiza e em que desempenha suas funções sociais.

Em se tratando do objeto de estudo deste trabalho de conclusão de curso – postagens efetuadas na rede social *Facebook* no *status* do usuário – propomos analisar como se estabelecem os diálogos entre os discursos literário e de autoajuda e os sentidos que se depreendem desse diálogo, de modo a ampliar reflexões apresentadas em estudo anterior¹. Na atual pesquisa, procuramos observar, também na interação entre os interlocutores da referida rede social, os percursos de sentido que se constroem não só por meio de recursos expressivos da linguagem como também na recepção do texto, a partir de comentários postados.

¹ Artigo “A organização da linguagem no *Facebook*: diálogos entre o discurso literário e o discurso de autoajuda”, desenvolvido pelas alunas durante o 4º semestre do curso de Letras e publicado na *Revista do Curso de Letras*, edição 2014.

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos
Constatamos, anteriormente, que o discurso literário dialoga com o discurso de autoajuda e põe o enunciador na condição de quem reflete sobre a própria existência. Os textos literários utilizados, predominantemente poéticos, são selecionados e fragmentados de modo a traduzir o *estado de espírito* do locutor. Assim, visamos analisar e descrever as transformações de linguagem decorrentes dos diálogos interdiscursivos, os desdobramentos de sentidos e a definição de novas funções para o texto literário na esfera social em que é utilizado.

Além da fragmentação dos textos literários, também constatamos alterações nos modos de organização e apresentação da linguagem – não mais a página escrita dos livros e sim um *espaço virtual* constituído de recursos verbo-visuais, relacionados ou não pelo conteúdo temático. Imagens articulam-se aos fragmentos literários, ora para ilustrá-los, ora para reforçar, ora para modificar o sentido.

Nessas transformações resultantes da interação verbal, os gêneros do discurso literário, compreendidos na esteira dos estudos de Mikhail Bakhtin como gêneros secundários pela complexidade com que se organizam na esfera artística, adquirem características de gêneros primários, presentes na interação cotidiana, portanto menos complexos. Um estudo dessa natureza, que contemple as modificações da linguagem, a diversidade dos gêneros e a capacidade da língua em se adaptar a qualquer meio, é importante na compreensão do valor sociocultural e ideológico da linguagem nas esferas de produção e circulação.

Como referencial teórico, fundamentamo-nos nas reflexões do *Círculo de Bakhtin* sobre gêneros do discurso e dialogismo (BAKHTIN, 1997; 2010), bem como nas propostas de estudiosos da linha teórico-filosófica do pensador russo, entre os quais Barros (1997), Brait (1997; 2005; 2009), Brandão (2000), Machado (1995) e Miotello (2006). Para tratar do discurso de autoajuda, tomamos como referência as pesquisas de Oliveira (2006), Rudiger (1995), Celusso (2011) e Chagas (2001).

Na elaboração e organização dos capítulos, iniciamos com uma abordagem contextual sobre o surgimento e a proposta da rede social *Facebook*. Nessa abordagem, apresentamos características do *corpus* e também resultados de pesquisa sobre o tema, realizadas por nós anteriormente, no curso de Letras, e publicadas em artigo já informado nesta introdução. Na sequência dos capítulos,

apresentamos reflexões teóricas em cujos fundamentos sustentamos a análise do objeto de estudo para, em capítulo subsequente, desenvolvermos a análise desse objeto, considerando a proposta inicial de refletir sobre o diálogo entre o discurso literário e de autoajuda em postagens do *Facebook* e descrever os sentidos produzidos no enunciado e em situações de interação a distância. As considerações finais resgatam e reiteram dados mais significativos contidos na proposta desenvolvida e nos resultados obtidos.

Ressaltamos nosso particular interesse, como estudantes de Letras, em estudar os movimentos da linguagem, de modo a interpretar e analisar como os gêneros de discurso originam-se em situações específicas de interação verbal, com destaque àquelas decorrentes do avanço tecnológico e do surgimento de novas possibilidades de comunicação. Assim, a contribuição deste trabalho consiste em oferecer dados que possibilitem ao leitor a compreensão das relações entre a linguagem e a vida em sociedade.

2 Redes sociais, linguagem e interação

No século XXI, consolida-se um novo modo de interação a distância – as redes sociais, evidenciando como o acesso à *Internet* chega às mais diferentes esferas da sociedade e quais são os resultados do contato dos sujeitos com o mundo virtual, particularmente no que diz respeito à linguagem e a seus movimentos.

A linguagem toma forma e adquire sentido em seu contexto de produção e utilização. Simultaneamente, reflete e retrata movimentos socioculturais, modifica-se e se adequa a esses movimentos; torna-se representativa e adquire contornos e significação que traduzem não só as transformações sociais, como também a identidade dos sujeitos que fazem parte desse processo, situando-os no tempo, no espaço e na cultura.

Dentre as redes sociais em circulação, elegemos como objeto de estudo o *Facebook*, mais precisamente as postagens dos usuários no *box status*, com particular atenção ao uso mais frequente de poemas que, em uma observação inicial, traduzem emoções, valores, ensinamentos e reflexões dos internautas.

Neste capítulo, procuramos oferecer ao leitor uma descrição do objeto de estudo deste trabalho, com ênfase nas características e propostas do *Facebook*, relativamente à linguagem, à interação e à utilização de textos literários.

2.1 Facebook: contexto social e histórico

A trajetória da empresa que está conectando o mundo virtual é retratada por Kirkpatrick (2011). O *Facebook*, rede social em evidência no mundo todo, iniciou-se em um alojamento da Universidade de Harvard, em Cambridge, Massachussets, em 2004, no encontro de três estudantes – Zuckerberg, Moskovitz e Hughes, jovens que gostavam de “papos-cabeça”.

Zuckerberg, com ideias empreendedoras e irreverentes de um jovem de apenas 19 anos, propõe a criação de um projeto que identificasse a pessoa mais atraente do *campus*, momento em que surge o *Facemash*. A ideia, no entanto, amplia-se para a criação de uma rede, na qual os jovens da Universidade de Harvard pudessem visualizar as fotos dos alunos. A primeira fase dessa criação teve o nome de *Thefacebook*, com grande aceitação e vários números de acessos. Com isso, Zuckerberg expandiu sua ideia para outras universidades.

O sucesso do *Facebook*, como se popularizou a rede social, deve-se muito à estratégia do estudante, na divulgação entre jovens universitários, o que fez com que a ideia se expandisse e ganhasse o mundo, favorecida por uma etapa da vida em que as pessoas mais se socializam, gerando fortes redes de relacionamentos e interação.

No início, o *site* de relacionamento foi registrado na *Internet* com o endereço do *Thefacebook*, por um ano. Além disso, tomava emprestadas algumas ideias do *Course* e do *Facemash*, bem como de um *site* chamado *Friendster*, uma rede social que tinha como propósito convidar pessoas para criar um *perfil* de si mesmas, com dados e gostos pessoais, de modo que cada usuário pudesse integrar seus perfis aos dos amigos, compondo assim sua própria “rede social”. A ideia de Zuckerberg de utilizar-se de recursos e postagens de fotos em *site* foi bem sucedida e veio a se tornar a mais popular rede da *Internet*. A intenção era que todas as fotos fossem marcadas e mostradas, de forma que o usuário pudesse receber o alerta da marcação por *e-mail*.

Após os lançamentos iniciais, Zuckerberg entusiasmou-se, pois a principal medida do sucesso era o número de vezes que os usuários retornavam ao *site*. Com o grande número de acessos e hospedagem de fotos, o *software* teve que passar por alterações para se tornar mais eficiente. Mais tarde, com toda a repercussão e as crescentes possibilidades de interação, Zuckerberg passou a idealizar um diagrama social, ou seja, a teia de relações que se formaria dentro do *Facebook*, como resultado dos usuários se conectarem com os seus amigos, aumentando assim, ainda mais as marcações e a distribuição de relacionamentos entre as pessoas.

Como se constata, por meio desta breve contextualização, a essência e sobrevivência das redes sociais e de outros ambientes virtuais é a interação a distância. A *Internet* tem propiciado, em muitas situações, uma forma de diálogo que se assemelha, em função, à interação face-a-face, embora nem sempre os sujeitos interlocutores sejam postos na condição de uma resposta imediata. No contexto de estudos dos gêneros do discurso e do dialogismo, pelo viés bakhtiniano, há sempre um auditório social a quem a linguagem se orienta, simultaneamente ao processo de produção e circulação. Esse auditório, constituído por sujeitos que integram as diferentes esferas sociais da atividade humana, pode manifestar-se com *atitudes responsivas* imediatas ou não, mas a resposta é, em geral, presumida.

Ao elegermos como objeto de estudo publicações que buscam em produções literárias conteúdos que traduzem o *status* do usuário, buscamos interpretar e analisar não só a constituição do discurso e os desdobramentos de sentidos nessas publicações, como também os modos como se revela a interação entre os usuários, por meio da *atitude responsiva* dos interlocutores revelada nas possibilidades de “curtir”, “responder”, “comentar”, “compartilhar”. No item seguinte, procuramos ampliar as reflexões sobre o *status* do sujeito usuário do *Facebook* e da interação em perspectiva dialógica, de acordo com a proposta teórico-filosófica de Mikhail Bakhtin.

2.2 O status do sujeito e a interação a distância em perspectiva dialógica

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos

O filósofo russo Mikhail Bakhtin propõe que a linguagem seja compreendida em estreitas relações com a vida, o que evidencia a natureza essencialmente dialógica de toda manifestação verbal e não-verbal. O dialogismo bakhtiniano compreende não só as relações entre a linguagem e a vida como também as relações intersubjetivas e interdiscursivas.

As relações intersubjetivas pressupõem a interação entre sujeitos nas mais diversas esferas da atividade humana. A produção de linguagem, assim como as práticas sociais, se faz na presença de um *eu* e de um *outro*, de modo a se considerar o princípio da alteridade e a orientação da linguagem a um auditório social, constituindo-se, pois, coletivamente.

As relações interdiscursivas dizem respeito ao diálogo entre discursos, ou seja, a produção discursiva sempre recupera “vozes” sociais e ideológicas veiculadas na/pela linguagem. Nesse sentido, um discurso sempre remete a outro, reiterando-o ou se contrapondo a ele, porém sempre de modo a originar um novo discurso.

Bakhtin (1997), ao tratar de dialogismo, afirma que o diálogo consolida-se na “reação da palavra à palavra de outrem”, sendo o ponto de tensão entre *eu* e *outro* atravessado por valores ideológicos e aspectos sociais, históricos e culturais, formando a ideia de uma perspectiva que venha interessar não a palavra passiva e solidária, mas a palavra na atuação complexa e heterogênea dos sujeitos sociais.

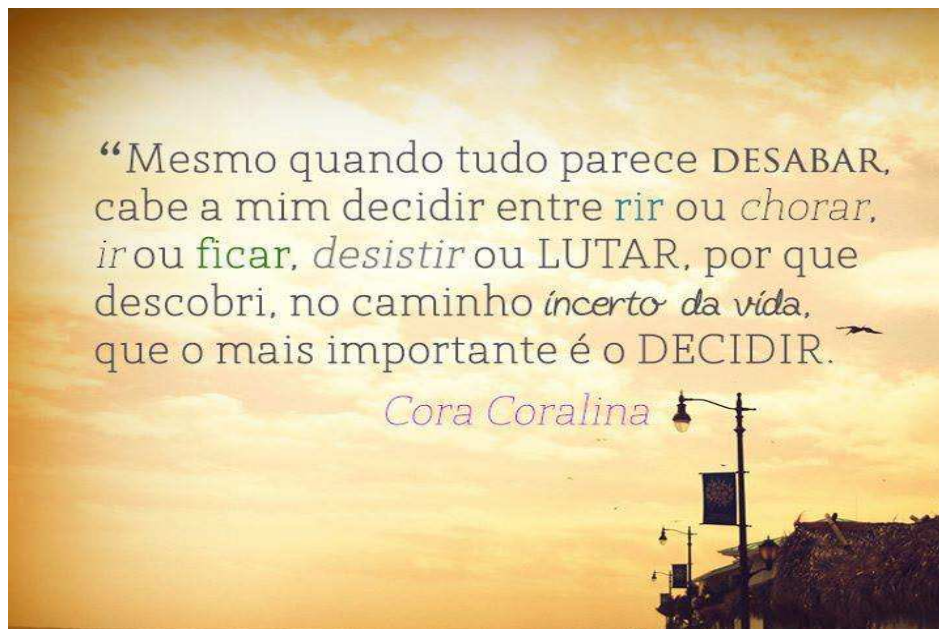
Na perspectiva bakhtiniana, a interação a distância entre usuários da rede social *Facebook*, entre o *eu* e o *outro* virtuais, explica o diálogo nas postagens. O sujeito, ao realizar postagens no *status*, expõe suas ideologias, seus valores e até mesmo seus sentimentos e, naquele momento, aguarda a resposta do *outro* - o sujeito fica na expectativa de muitas curtidas ou não e dos possíveis comentários que possam ocorrer. Em muitas situações, o fato de curtir e comentar revela a aceitação do conteúdo postado, por vezes compartilhado. Por outro lado, pode revelar também polêmica, discordância ou complementação.

Em estudo inicial, constatamos, como já mencionado, que as postagens trazem com frequência fragmentos de textos literários, os quais, ao circularem na rede social, perdem sua essência literária, artística e complexa, e passam a configurar um novo estilo de linguagem, posto que adquirem novos matizes composicionais, temáticos e estilísticos. Outro aspecto que contribui para

essa “desfiguração” literária são as imagens sincretizadas ao texto verbal, que passam a ter significados associados ou não ao conteúdo temático.

As postagens dos usuários no *box status* põem em evidência não só o diálogo entre sujeitos, como também o diálogo entre discursos. Há a relação intersubjetiva – eu/outro da interação à distância – e há a relação interdiscursiva – ao se revelarem o discurso literário, o discurso artístico e o discurso de autoajuda, sendo este último como resultado das intenções comunicativas dos sujeitos, que veem na literatura temas de reflexão e orientação para a vida. Os gêneros de discursos, portanto, hibridizam-se, como se observa na postagem a seguir.

Figura 1: Cora Coralina – Página do *Facebook*



Fonte: Facebook. Print screen da página de Cora Coralina. Disponível em: <<http://www.mensagens10.com.br/mensagem/2837>>. Acesso em 24 jun. de 2014.

O texto atribuído à autora Cora Coralina² traz para esta situação de linguagem o discurso literário, que se mescla com o discurso artístico da fotografia, sem relações de sentido bem definidas. Aparentemente, o texto não verbal é ilustrativo, no entanto a visão do céu e a sobreposição de elementos terrenos (casa, luminárias, pássaro) possibilita que o leitor reflita sobre sua existência nessa

² É comum que as postagens tenham autoria duvidosa ou equivocada. Procuramos, em alguns casos, identificar a veracidade de fontes, mas em geral as referências bibliográficas não são mencionadas.

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos intersecção. O texto verbal é marcado por destaques, sobretudo nos verbos, o que sugere escolhas entre ações semanticamente opostas: rir/chorar; ir/ficar; desistir/lutar; desabar/decidir. A disposição gráfica das palavras também auxilia a leitura, como se conduzisse o olhar do leitor na identificação dessas oposições.

No enunciado em análise, ainda que considerado em sua origem literária, na situação de produção de linguagem no *status* do usuário revela as marcas da primeira pessoa, com teor próprio do discurso de autoajuda e da função expressiva da linguagem, em que o “eu” expõe sentimentos e pensamentos e fala consigo mesmo, de modo a orientar as próprias decisões. Ao mesmo tempo, o sujeito espera a resposta do “outro”, que, como dissemos anteriormente, vem em forma de “curtir”, “comentar” e/ou “compartilhar”.

Com base no exposto até o momento, propomos, a seguir, uma ampliação das discussões sobre gêneros do discurso literário e de autoajuda, a fim de sustentar a abordagem descritiva e analítica do *corpus*. Ressalte-se que, em muitas postagens de usuários do *Facebook*, a autoria atribuída aos textos deve ser questionada. No entanto, seja por referência, seja por alusão, o discurso literário desloca-se de seu contexto de produção e circulação para compor a linguagem dos sujeitos que interagem na rede social.

São frequentes as referências a Cora Coralina. A autora escrevia seus textos a partir da inspiração de sua própria vida, demonstrando em suas publicações que a simplicidade é o melhor caminho. Descontextualizado de seu todo, o fragmento presta-se à reflexão pontual e adquire sentido na relação com o público que o orienta, isto é, nas relações entre os interlocutores que interagem, em dado grupo de amigos. Na situação de interlocução, o efeito pode ser positivo, já que o percurso de sentido sustenta-se na reflexão e na construção de uma visão de mundo e de vida: entre as dificuldades do caminho, “o mais importante é o decidir”.

Fora do contexto e do plano literário, considerada a complexidade da linguagem dos gêneros secundários artísticos, ao se constituir numa esfera social em que a produção de linguagem revela características de práticas verbais cotidianas (a interação à distância, nesse contexto, assemelha-se à conversa cotidiana), o fragmento literário passa a integrar os gêneros discursivos primários (simples). Outra característica presente nos enunciados postados no *box status* diz respeito à articulação de recursos verbais e não-verbais, ou seja, os fragmentos

literários são frequentemente ilustrados, embora nem sempre se estabeleça uma relação direta, motivada, entre os diferentes signos.

Pelo viés bakhtiniano, esta análise é relevante para a compreensão dos movimentos da linguagem no meio social. A diferença entre os gêneros discursivos primários (simples) e os gêneros discursivos secundários (complexos) não constitui uma diferença funcional. Os gêneros discursivos primários recorrem aos gêneros secundários e vice-versa, como no romance, por exemplo, o que pressupõe reelaboração da linguagem em suas formas e funções, nas diversas condições e situações de interação e produção discursiva.

Bakhtin (1997; 2010) considera que a palavra nunca é neutra, mas repleta de significados e valores socialmente construídos. Assim, a palavra materializa-se, tanto no sentido físico como no sentido-histórico, e veicula um ponto de vista, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-se como verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Para o teórico, o sujeito não se constitui apenas pela ação discursiva, mas como sujeito social, quando, nas práticas de linguagem, ocorre o retrato e o reflexo da vida em seu contexto, e nas relações com o outro, que define sua subjetividade. Pode-se dizer, assim, que o discurso constrói-se no contexto das relações de alteridade, sendo inadmissível uma concepção meramente linguística.

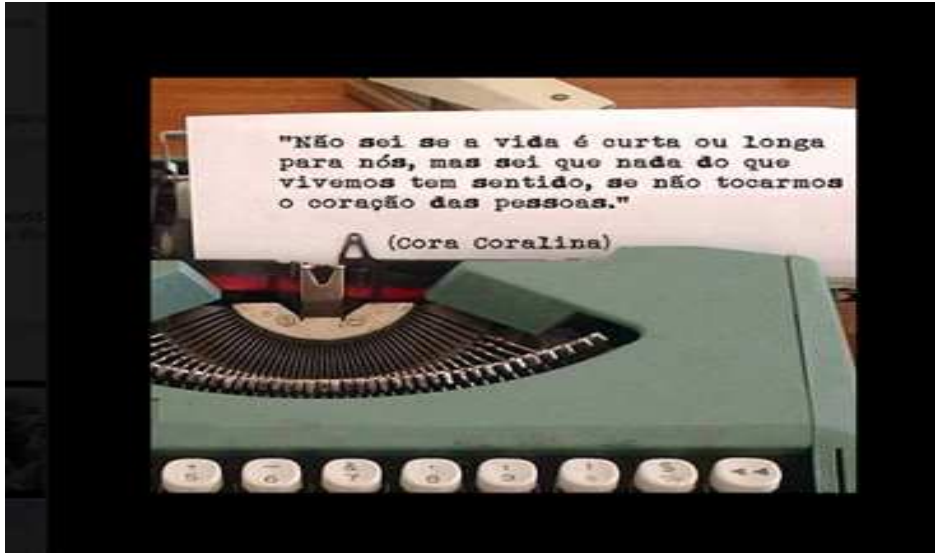
2.3 A presença do outro: curtir, responder, comentar

Nas redes sociais, parte da construção das relações intersubjetivas define-se por um “curtir”. Aparentemente, estabeleceu-se como convenção que as postagens no *status* do usuário sejam “curtidas”. Curtir uma postagem tanto pode significar a adesão do leitor ao conteúdo do enunciado, quanto pode revelar a solidariedade entre os “amigos”. Uma postagem sem “curtidas” gera certo constrangimento ao usuário.

Em trabalho anterior, em que buscamos investigar as relações entre o discurso literário e o discurso de autoajuda em postagens no *Facebook*, constatamos com certa frequência, como mencionamos antes, a utilização de textos

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos atribuídos a Cora Coralina. Entre os textos analisados, reproduz-se a seguir a postagem de 26 de junho de 2014.

Figura 2 – Cora Coralina – Página *Facebook*



Fonte: Facebook. *Print screen da página de Cora Coralina.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Cora-Coralina/218303838230682?fref=ts>>. Acesso em 27 ago. 2013.

Como mencionamos anteriormente, os textos atribuídos a Cora Coralina veiculam conteúdos relativos aos modos de ser e de estar na vida. Neste caso, as oposições entre “vida curta” e “vida longa” são minimizadas quando se representa a importância do viver por “tocar o coração das pessoas”. Trata-se de oferecer ao leitor um ensinamento que põe em evidência valores a serem cultivados pelos sujeitos, característica própria do discurso de autoajuda que, ao mesmo tempo, põe o sujeito na condição de quem pode/deve escolher, mas as opções já se encontram delineadas para que a escolha seja a ideal, a correta, considerando-se, até mesmo, certo tom moralizante.

Articula-se ao texto verbal a foto de uma máquina de escrever antiga. A imagem possibilita inferir sobre o tempo e a vida. No que concerne ao tempo, pode aludir ao contexto de vida e obra da autora, no percurso de produção literária a partir de suas próprias experiências e reflexões. Em relação à vida, trata-se de, simbolicamente, escrever a trajetória do *eu* – “Não sei se a vida é curta ou longa para nós” – e a busca de sentidos para essa trajetória – “nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas”. A postagem recebeu 158 curtidas e 2.737 compartilhamentos, o que revela seu teor persuasivo e a aceitação dos usuários da rede social.

Reiteramos que na rede social *Facebook* a utilização do texto literário no *box status* vem seguindo determinados padrões de organização de linguagem, tais como a fragmentação do texto de origem, a utilização de recursos expressivos ilustrativos, a seleção de temas que propõem reflexões sobre a vida, a existência individual e social, o amor, sempre de modo a revelar estados valorativos e posicionamentos subjetivos dos usuários, nos moldes do discurso de autoajuda.

Outro aspecto que chama a atenção diz respeito à autoria questionável dos textos literários publicados nas redes sociais. Trata-se muito mais, em algumas situações, da utilização da autoridade conferida pelo nome do autor literário do que, propriamente, pelo texto. As temáticas acima mencionadas predominam sobre o estilo literário e o que se constata com muita frequência é a relação que o tema estabelece com a totalidade da obra do autor, o que nem sempre significa ser de sua autoria.

Na organização da linguagem em estudo, revela-se um estilo caracterizado sobretudo pela articulação de recursos expressivos verbo-visuais, de modo a possibilitar maior interação e/ou aproximação com o “ouvinte/leitor”. No entanto, na maior parte das situações, o texto não verbal é meramente ilustrativo; em outras, buscam-se aproximações de sentido entre a cena apresentada e o componente verbal.

Em nossa proposta inicial, visamos ampliar a descrição e a caracterização desse novo modo de organizar a linguagem nas postagens do *Facebook*, a fim de compreender como se estabelece também o diálogo entre o discurso literário e o discurso de autoajuda, não apenas pelas mudanças na expressão, mas sobretudo pelas funções que a produção literária adquire ao circular no *status* dos usuários, com matizes de autoajuda.

Torna-se evidente que as publicações no perfil dos usuários da rede são retrato e reflexo da comunidade virtual que vem se firmando na atualidade: a interação a distância orienta um novo modelo de linguagem cuja função é predominantemente expressiva e apelativa, principalmente quando o dizer revela as posições dos interlocutores que falam de si mesmos e de seus estados emocionais. O *box status* é o espaço do desabafo, do conselho, da revelação de sentimentos, da crítica. É, portanto, um espaço subjetivo, em que nem sempre se recebe resposta imediata, embora haja a expectativa de que ela ocorra, principalmente por meio de um “curtir”.

No capítulo seguinte, ampliamos as reflexões sobre gêneros discursivos e sobre a organização da linguagem no discurso literário e no discurso de autoajuda. Procuramos apresentar reflexões teóricas que sustentam uma metodologia de análise fundada na organização da linguagem em gêneros discursivos e nas relações dialógicas entre sujeitos e discursos.

3 Gêneros do discurso, linguagem e ideologia: a proposta do *Círculo de Bakhtin*

Em sua proposta teórica, o filósofo russo Mikhail Bakhtin (2010) postula que o estudo dos gêneros discursivos foi ignorado por muito tempo.

Segundo o autor, isso se deve à diversidade funcional destes gêneros linguísticos, o que transforma sua análise excessivamente abstrata.

De acordo com Bakhtin (2010), o estudo dos gêneros restringiu-se, durante grande parte da história, aos gêneros literários (ênfase nos aspectos artístico-literários) e aos gêneros retóricos (jurídicos, políticos - ênfase na natureza da organização do enunciado). Destaque-se aqui a proposta de estudar os gêneros do discurso cotidiano, mais simples e próximos da modalidade oral, os quais, ao fazerem parte do romance, passam a integrar a linguagem em sua maior complexidade.

Há uma infinidade de gêneros discursivos relativamente à infinidade de possibilidades da comunicação humana e da interação verbal. Toda manifestação de linguagem pauta-se em um gênero específico para cada situação. Para Meurer (2000, p.152)

Os conhecimentos que os seres humanos possuem, sua identidade, seus relacionamentos sociais e sua própria vida são em grande parte determinados pelos gêneros textuais a que estão expostos, que produzem e 'consomem', podendo-se mesmo afirmar que a própria cultura de uma país como um todo, é caracterizada pelo conjunto de gêneros textuais produzidos pelos seus cidadãos.

Ao tratar das estreitas relações entre a linguagem e a vida, Mikhail Bakhtin propõe que se compreenda a linguagem nas esferas sociais em que é produzida e em que circula. Nesse sentido, a linguagem reflete e refrata os movimentos sócio-históricos e culturais, ao mesmo tempo em que se constitui e se organiza em gêneros discursivos.

Na proposta teórica do *Círculo de Bakhtin*, os gêneros do discurso produzem formas-padrão "relativamente estáveis" de enunciados situados na história social e cultural das esferas de produção de linguagem.

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, ou seja, todos os enunciados dispõem de uma forma padronizada e relativamente estável de estruturação de um todo. Um vasto repertório caracteriza os gêneros do discurso (orais e escritos). Na prática podemos usá-los com segurança e destreza, mas por um lado não podemos ignorar totalmente sua existência teórica. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados, e os gêneros do discurso, por sua vez, organizam nossa fala, assim como organizam as formas gramaticais (sintáticas). (BAKHTIN, 1992, p. 301-302).

O autor postula que nos comunicamos por meio de gêneros do discurso. Os indivíduos aprendem um imenso repertório de gêneros e, por muitas vezes, não se dão conta disso. Até na conversa mais informal o discurso é veiculado pelo gênero em uso. Os gêneros nos são dados, conforme Bakhtin (2003, p. 282), “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, os quais dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”.

Assim como a linguagem modifica-se no tempo, no espaço e na sociedade, os gêneros vão passando por modificações em consequência do momento histórico em que se produzem e em que circulam. Cada situação social comunicativa “origina” um gênero com suas características específicas.

Ao imaginarmos a infinidade de situações comunicativas e o fato de que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, constatamos que os gêneros também são infinitos. Bakhtin (2010) vincula a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas específicas.

Na construção de novos gêneros discursivos é importante destacar a presença da palavra ideológica. As palavras são utilizadas e moldadas de acordo com o gênero discursivo de que se pretende fazer uso. Nesse sentido, a palavra – signo ideológico – nunca é neutra, posto que revela valores e pontos de vista construídos histórica e socialmente.

Assim, compreende-se que os sentidos são construídos coletivamente, como resultado das relações dialógicas previstas na produção do enunciado e em sua circulação.

3.1 Os gêneros discursivos em perspectiva dialógica

Os gêneros não são absolutamente inéditos. Bakhtin (2010) postula que existe um processo dinâmico de transmutação de gêneros, os quais se produzem a partir de novas necessidades humanas.

Na perspectiva do *Círculo de Bakhtin* (2010), esses gêneros podem ser identificados como primários e secundários. De acordo com o teórico russo, existe a

necessidade de se fazer uma análise do enunciado, para que se possa definir sua natureza.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico. No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros primários, que integram os complexos, aí se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios: por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano ou da carta no romance, ao manterem a sua forma e o significado cotidiano apenas no plano do conteúdo romanesco, integram a realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana. No seu conjunto o romance é um enunciado, como a réplica do diálogo cotidiano ou uma carta privada (ele tem a mesma natureza dessas duas), mas à diferença deles é um enunciado secundário (complexo) (BAKHTIN, 2003, p.263-264).

Os gêneros primários referem-se a situações comunicativas do cotidiano, informalmente elaboradas, e que sugerem uma comunicação imediata. São exemplos de gêneros primários o bilhete e o diálogo cotidiano. Já os gêneros secundários são geralmente intercedidos pela escrita, os quais aparecem em situações comunicativas mais complexas e elaboradas, como no teatro, no romance, na produção científica, em palestras.

Outro aspecto relevante é o processo de interação verbal. Para Bakhtin a linguagem é concebida por meio da relação dialógica-interacional, ou seja, a língua só existe se houver o fenômeno social de interação verbal, realizado através da enunciação (BAKHTIN, 2002, p. 123).

Para Bakhtin a interação verbal entre os indivíduos é a essência da língua. Porém deve-se salientar que o aspecto dialógico não se restringe apenas ao desenvolvimento do enunciado, mas se estende também à compreensão. O ato de compreensão é, em sua essência, dialógico:

Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência: a consciência do outro e seu universo, isto é, outro sujeito (um tu). [...] a compreensão implica duas consciências, dois sujeitos. [...] A compreensão sempre é, em certa medida, dialógica (BAKHTIN, 2000, p.338).

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos Barros (2001), na obra *Dialogismo e Construção de Sentido*, reitera que o dialogismo define-se na existência do *outro*, ou seja, a autora postula que é impossível pensar no homem fora das relações sociais.

A concepção de interação e diálogo na perspectiva de Bakhtin distancia-se dos esquemas oriundos ou herdados da Teoria da Informação. A concepção de Bakhtin de comunicação é basicamente diferenciada das propostas da Teoria da Informação e antecipa muitas das soluções encontradas por outros estudiosos para a comunicação. Três são as principais objeções que se fazem aos esquemas mencionados:

- a) Simplificação excessiva da comunicação linguística;
- b) Modelo linear que se ocupa apenas ou de preferência com o plano da expressão;
- c) Caráter por demais mecanicista.

Com isso, Bakhtin insiste na questão da variação linguística, funcional, discursiva, facetas da heteroglossia ou pluridiscursividade que, para ele, caracterizam os discursos. O termo heteroglossia, embora se aplique à diversidade de “tipos” discursivos, é empregado, muitas vezes, nos escritos de Bakhtin, para a diversidade geral do discurso: de gênero, de profissão, de camada social, de idade e de região. Todos esses elementos devem ser considerados quando se pensa em comunicação verbal entre seres humanos e em que se prevê a heterogeneidade presente na produção do enunciado e na enunciação.

3.2 Enunciado, enunciação e dialogismo

De acordo com Brait (2005), os termos enunciado e enunciação são amplamente utilizados nas mais diversas teorias linguísticas, assumindo, em cada uma delas, dimensão e significâncias distintas. Nesse sentido, a autora postula que estes conceitos estão longe de possuir uma definição consensual, ao contrário, há uma ampla polissemia de acepções.

Neste trabalho, considera-se a definição de Brait (2005, p.63):

Grosso modo, é possível dizer que enunciado, em certas teorias, equivale à frase ou a sequências frasais. Em outras, entretanto, que assumem um ponto de vista pragmático o termo e, conseqüentemente, o conceito por ele

SILVA, G.C.;RIBEIRO, O.M.;BORGES-GUTIERRE, M.M.

gerado são utilizados em oposição à frase, unidade entendida como modelo, como uma sequência de palavras utilizadas segundo a sintaxe e, portanto, passível de ser analisada “fora do contexto”. O enunciado, nesta perspectiva, é concebido como unidade de comunicação, como unidade de significação, necessariamente contextualizado. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a “frase” ganhará sentidos diferentes nessas diferentes realizações “enunciativas” (BRAIT, 2005, p. 63).

No capítulo “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (2010) menciona que a comunicação se faz na articulação de enunciados, os quais se constituem no elo entre a linguagem e a vida.

Em decorrência disso, o enunciado é definido como o elemento básico da comunicação verbal que, conjuntamente com a análise dos gêneros discursivos, deve ser considerado na avaliação do impacto da língua no meio sociocultural.

Ducrot (1978) apud Brait (2005) distingue frase e enunciado, enunciado e enunciação:

O que eu chamo de frase é um objeto teórico, entendendo por isso, que ele não pertence, para o linguista, ao domínio do observável, mas constitui uma invenção desta ciência particular que é a gramática. O que o linguista pode tomar como observável é o enunciado, considerado como a manifestação particular, como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase.

O que designarei por este termo [enunciação] é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá depois. É esta aparição momentânea que chamo de enunciação (DUCROT apud BRAIT, 2005, p. 64).

As definições de enunciado e enunciação são básicas no desenvolvimento de qualquer estudo sobre linguagem e regem o pensamento bakhtiniano na construção de sua teoria enunciativo-discursiva.

Na perspectiva de Bakhtin, o enunciado e suas particularidades demonstram o processo dinâmico de construção da linguagem, bem como a sua ligação visceral com o contexto histórico e cultural em que está sendo desenvolvida, ou seja, as relações com o tempo e o espaço de produção de linguagem, em que se evidenciam também as relações intersubjetivas.

De acordo com Barros (2010), quatro aspectos da concepção bakhtiniana de dialogismo entre interlocutores devem ser mencionados:

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos

A) A interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem (Bakhtin vai mais longe do que os linguistas saussurianos, pois considera não apenas que a linguagem é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda a linguagem);

B) O sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos, ou seja, constroem-se na produção e na interpretação dos textos;

C) A intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem e dá sentido ao texto, como também constrói os próprios sujeitos produtores do texto;

D) As observações feitas podem conduzir a conclusões equivocadas sobre a concepção bakhtiniana de sujeito, considerando-a individualista ou subjetivista. Na verdade Bakhtin aponta dois tipos de sociabilidade: a relação entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade (BARROS, 2010, p. 30-31).

Bakhtin (1993) afirma também que o enunciado é inerentemente dialógico.

O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância de dois sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou (BAKHTIN, 2000, p. 294).

O filósofo acrescenta ainda que o enunciado não pode existir sem se aproximar dos milhares de fios dialógicos, tecidos por consciências ideológicas e torno de um determinado objeto, que não deixa de ser funcional no diálogo social.

No que concerne aos gêneros do discurso, Bakhtin ressalta que existe uma variedade imensa de gêneros, existindo tantos quantos são as situações dialógicas possíveis.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas e inesgotáveis, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2000, p. 279).

O filósofo considera a prosa discursiva um processo que está em constante evolução. Torna-se prática significativa tudo o que diz respeito ao universo do discurso nas diferentes esferas de uso da linguagem. Afirma ainda que, por ser fenômeno da linguagem, a prosa não nasceu pronta, posto que se transforma e continua se constituindo, desde o seu surgimento, graças à dinâmica dos gêneros discursivos.

Na visão de Bakhtin (2010), a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana.

Um enunciado isolado e concreto sempre é dado num contexto cultural e semântico-axiológico (científico, artístico, político) ou no contexto de uma situação isolada da vida privada; apenas nesses contextos o enunciado isolado é vivo e compreensível: ele é verdadeiro ou falso, belo ou disforme, sincero ou malicioso, franco, cínico, autoritário e assim por diante (BAKHTIN, 1998, p.46).

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua, recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também e, sobretudo, por sua construção composicional. A articulação desses três elementos caracteriza o enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 2010).

Os enunciados são formados, geralmente, na relação com outros enunciados e sujeitos. Ao produzirmos linguagem, temos alguém em perspectiva, a quem orientamos o discurso e com quem interagimos. Quando o sujeito elabora um enunciado, leva em conta ao mesmo tempo, não só a situação sócio-histórica em que se insere como também e, sobretudo, o interlocutor/enunciador. É nesse sentido que se pode dizer que um enunciado é elaborado já considerando as expectativas de respostas que estão por vir.

Assim, o interlocutor não é uma pessoa indiferente que apenas entende o que foi dito, mas sempre adota uma atitude responsiva em relação ao discurso do outro. Ainda que essa atitude responsiva não seja imediata, é sempre decisiva no acabamento e na completude do enunciado.

[...] o papel do interlocutor na configuração do gênero pode ser caracterizado tanto pela assimilação e reprodução, quanto pela reestruturação e modificação. Assim, o renascimento e a renovação do gênero de que fala Bakhtin, bem como sua continuidade, são decorrentes dos fenômenos de heterogeneidade fundados no dialogismo, das atitudes intersubjetivas determinadas pelas convenções sociais e da interdiscursividade, o que permite, também, o reconhecimento de que a transformação da linguagem está atrelada às transformações do meio em que ela é produzida e em que circula (BORGES-GUTIERRE, 2005, p. 237-238).

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos

A produção de linguagem é, portanto, dialógica em sua essência, tanto nas relações intersubjetivas quanto nas relações interdiscursivas. O sujeito discursivo veicula várias vozes sociais, o que caracteriza o discurso como polifônico e dialógico³ (BAKHTIN, 2010). A polifonia marca a identidade heterogênea do sujeito, pela manifestação de múltiplas vozes discursivas.

Depreende-se, dessa proposta, a instauração de campos discursivos, em que é possível discutir ideias, construir pontos de vista sobre o mundo, considerando-se, inclusive, os códigos culturais emergentes e a força ideológica da palavra, que retrata, refrata e reflete as mudanças sociais.

Ao considerar a diversidade de esferas sociais e de produção de linguagem, Bakhtin destaca a heterogeneidade dos gêneros discursivos e os distingue em gêneros primários e gêneros secundários.

O autor postula que os gêneros primários produzem-se em situações cotidianas de interação verbal, enquanto os gêneros secundários são marcados pela complexidade da linguagem, por vezes formados a partir de reelaborações dos gêneros primários.

(...) os gêneros primários se constituem na comunicação discursiva imediata, no âmbito da ideologia do cotidiano (as ideologias não formalizadas e sistematizadas). Os gêneros secundários surgem nas condições da comunicação cultural mais “complexa” no âmbito das ideologias formalizadas e especializadas, que, uma vez constituídas, “medeiam” as interações sociais: na comunicação artística, científica, religiosa, jornalística (RODRIGUES, 2004, p. 427).

Assim, um diálogo cotidiano posto em um romance perde seu caráter imediato e passa a incorporar em sua composição as características do universo narrativo complexo que lhe deu origem, ou seja, nesta situação, o diálogo transforma-se em um acontecimento literário e deixa de ser cotidiano.

Para Bakhtin, o processo de mutação nos gêneros linguísticos para que haja sua adaptação a condições específicas, conforme citado abaixo:

³ Neste trabalho, coerentemente com a proposta bakhtiniana de estudo dos gêneros discursivos, adotamos o diálogo como categoria de análise da linguagem presente no *corpus*.

SILVA, G.C.;RIBEIRO, O.M.;BORGES-GUTIERRE, M.M.

- a) As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. [estudo das esferas sociais e das suas situações de interação].
- b) As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala [gêneros do discurso] na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal [estudo dos enunciados em ligação com os seus gêneros, da esfera cotidiana e das ideologias formalizadas].
- c) A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN, 1995, p.124).

O filósofo russo sugere que a condição de existência da interação verbal é a organização da linguagem em gêneros de discurso. Situando-nos na perspectiva bakhtiniana de estudo da linguagem, consideramos que todo gênero se define por três dimensões essenciais: 1) os conteúdos que são dizíveis por meio dele; 2) a estrutura particular dos textos pertencentes ao mesmo gênero; 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, que são, sobretudo, traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura.

Bakhtin (2010) afirma que a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos são imensas, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da atividade humana pratica a linguagem em um repertório de gêneros discursivos orientados a diferentes situações, necessidades e interlocutores, na interação verbal real.

Os gêneros são formas relativamente estáveis de enunciados/discursos produzidos em dados contextos e situações específicas de comunicação. Assim, cada diferente contexto ou cada distinta situação de comunicação orienta a produção de um gênero.

As discussões e os questionamentos acerca dos gêneros discursivos no contexto da “estética da criação verbal”, nas mais diversas esferas de atividade humana e a mutação desses gêneros para atender novas demandas, levam-nos à reflexão sobre a possível perda da singularidade do texto literário que, num percurso inverso e em uso cotidiano por usuários da rede social *Facebook*, passa a se constituir como gênero primário, como observamos anteriormente.

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos
3.3 A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO NO FACEBOOK: UMA NOVA FORMA DE AUTOAJUDA?

Depreende-se do estudo dos gêneros de discursos, na perspectiva do *Círculo de Bakhtin*, que o surgimento de novos modos de organizar a linguagem atende às reais necessidades dos sujeitos e da interação nas diversas esferas sociais.

No que concerne aos movimentos da linguagem simultâneos ao avanço tecnológico, uma rede social é uma estrutura composta por pessoas, conectadas por um ou vários tipos de relações, e quais partilham valores e objetivos comuns. Uma das características fundamentais na definição das redes sociais é a sua abertura e permeabilidade, possibilitando relacionamentos horizontais e não hierárquicos entre os participantes. Nesse contexto, a palavra é moldada para o desenvolvimento de novas formas de organizar e utilizar a linguagem, com o objetivo de tornar possível a interação a distância e, simultaneamente, possibilitar o contato informal, próprio dos gêneros primários da linguagem cotidiana, entre os participantes de grupos (SILVA, 2013).

Por isso são estabelecidos gêneros de comunicação primários, uma vez que atendem situações cotidianas imediatas, sendo majoritariamente simples e objetivos, porém capazes de atender o objetivo maior que é a interação social dos usuários.

Além disso, a linguagem literária, no novo suporte de circulação, passa a se organizar também por meio de recursos expressivos não verbais, o que nos leva a refletir sobre o surgimento de novos modos de organizar o dizer, com funções sociais bem definidas nesse contexto de produção e circulação.

A partir de pesquisas realizadas e explicitadas neste trabalho de conclusão de curso, percebe-se que a linguagem renova-se em sua estética e, em se tratando das postagens de fragmentos literários no *Facebook*, deixa de ser apreciada em sua essência literária para contextualizar a vivência do sujeito que a utiliza, como discurso de autoajuda e de reflexão. As transformações estéticas caracterizam um novo estilo de linguagem e de gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. Assim, o discurso revela-se em sua heterogeneidade constitutiva, no

processo ativo da interação verbal, nas esferas de produção, circulação e recepção de linguagem. As “escolhas” expressivas dos usuários revelam manifestações valorativas e ideológicas.

A ideologia é aqui entendida, de acordo com Miotello (2006), como um conjunto de crenças, ideias, pontos de vista e conceitos que se manifestam na linguagem em uso, na interação entre sujeitos e discursos.

A interação verbal em Bakhtin configura-se como lugar de criação da linguagem e de constituição dos sujeitos. Resulta, assim, que toda ação humana é intermediada pelo uso da linguagem. Em conformidade com Bakhtin (2010), a linguagem só existe na comunicação dialógica daqueles que a usam e é essa comunicação dialógica que constrói a linguagem.

O sujeito constitui-se como tal à medida que se relaciona com o outro. Seu conhecimento e sua percepção do mundo originam-se como produto deste mesmo processo. Consequentemente, o indivíduo é social e a linguagem é uma composição histórico-cultural. Em conformidade com esse pensamento, a linguagem é analisada quando está em uso, examinada como uma maneira de compreender a vida e os sujeitos, com seus feitos, sua condição e posição na história, na cultura e na sociedade.

A produção de linguagem na forma de enunciados concretos – os gêneros do discurso – realiza-se na enunciação. Nesse sentido, Bakhtin postula que “[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor” (BAKHTIN, 2010, p. 116). Na perspectiva do filósofo russo, o enunciado pressupõe um ato de comunicação social e é a unidade real do discurso. A fala organiza-se a partir do enunciado que, em uma condição discursiva ou interativa, é representativa da intenção dos falantes.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação, assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma “contra palavra” (BAKHTIN, 2003, p. 137).

O pensamento de Bakhtin sobre dialogismo divide-se em duas perspectivas: a do diálogo entre interlocutores, isto é, entre o enunciador e o enunciatário do texto, e o diálogo entre textos e discursos. Assim, pode-se dizer que o sujeito se estabelece à medida que interage com outro sujeito, e nele se completa. Procede, então, a ideia de que não há um indivíduo “pronto”, “acabado”, já que o sujeito se desenvolve e se constitui na relação com outros sujeitos, no meio social.

Barros (1997), ao adotar a perspectiva bakhtiniana de linguagem, enfatiza que evidenciar a interação verbal como ambiente da criação da linguagem e dos indivíduos que, nesse sistema, se compõem pela linguagem, consiste em reconhecer o dialogismo.

[...] o dialogismo define o texto como um “tecido de muitas vozes”, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem uma às outras ou polemizam entre si no **interior** do texto [...]

Com essa concepção de dialogismo aproximamos-nos não mais dos estudos da comunicação verbal, mas principalmente das teorias pragmáticas, das teorias do discurso e do texto e até de preocupações psicanalíticas com o “outro” do discurso. Com essa concepção também somos levados a examinar duas outras questões: a do caráter dialógico da língua em relação ao dialogismo dos discursos e a do mascaramento do dialogismo dos textos (BARROS, 1997, p. 34).

Brait (2001) sugere que o dialogismo não diz respeito ao diálogo “simétrico” e “harmonioso”, mas aos confrontos discursivos postos em evidência na enunciação. E é nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem, ou seja, o diálogo e dialética aproximam-se. Bakhtin menciona a presença do *eu* que se realiza no *nós*, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa reflexão exibida pela linguagem.

3.3.1 O gênero do discurso literário

Os gêneros literários têm sido estudados em esferas, cuja formação teórica inicial destina-se aos estudos da linguagem e da literatura e se apoiam, sobretudo na *Poética Clássica*, ao sugerir que as artes se utilizam de diferentes meios de imitação e que diferem entre si por usarem “umas de todos a um tempo,

outras ora de uns, ora de outros”, o que consagrou a distinção entre gêneros literários.

Além da literatura, a retórica antiga também legou as suas formas de reconhecer e classificar os discursos, de acordo com as circunstâncias em que são pronunciados: deliberativo, judiciário e epidítico.

Desde a Antiguidade Clássica, a descrição dos gêneros literários tem sido feita em três categorias, o narrativo ou épico, o lírico e o dramático. Nesse contexto, os estudos da retórica e dos gêneros literários atentavam para as representações sociais presentes na produção de linguagem.

O gênero lírico se faz, geralmente, em versos e explora a musicalidade das palavras, lida bastante com as emoções, analisa os sentimentos. Os outros dois gêneros, o narrativo e o dramático, também podem ser escritos na forma poética, embora modernamente prefira-se a prosa.

Em geral, a clássica (e problemática) distinção entre poesia e prosa (literária e não literária) propõe, desde Platão, a distinção entre gênero lírico (obras em que fala o autor); dramático (obras em que falam as personagens); épico (obras em que autor e personagens têm direito à palavra) (BRANDÃO, 2000). Em todas as modalidades literárias, estão presentes as personagens e sua relação com espaço e com o tempo, em um diálogo verossímil com a realidade, ainda que se configurem como discursos ficcionais.

Outra distinção bastante antiga opõe tragédia e comédia. A tragédia caracteriza-se pelo caráter sério da ação, pela dignidade das personagens e pelo final infeliz. A comédia caracteriza-se pelas ações corriqueiras, pelas personagens de baixa condição e pelo desfecho feliz (BRANDÃO, 2000).

Nas obras de Virgílio, distribuídas nos três setores da chamada “Roda de Virgílio”, a distinção e representação é literária e sociológica: *A Eneida* representa o estilo elevado (guerreiros); *As Geórgicas* representam o estilo médio (camponeses); *As Bucólicas* representam o estilo humilde (pastores) (BRANDÃO, 2000).

Em relação à produção literária como criação artística, interpretada com bases em aspectos estéticos e situada em seu momento de produção, circulação e recepção, em outros tempos e espaços, trata-se de reconhecer suas

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos funções predominantemente expressiva e poética, o que favorece e permite compreender a utilização de gêneros literários na rede social *Facebook*, sobretudo nas postagens que revelam o estado do usuário.

No que concerne à identificação dos gêneros literários como caracterizados pela complexidade da linguagem – secundários, portanto, na perspectiva de Bakhtin – compreendê-los em contextos de uso nas redes sociais pressupõe e exige um estudo da linguagem em seus movimentos de representação de uma nova esfera de interação verbal. Trata-se de uma esfera que surge e se constitui para atender a necessidades específicas do espaço virtual e de seus usuários. É nesse momento que a literatura sai de seu contexto artístico de produção para adquirir novos sentidos e novas funções, aproximando-se dos gêneros de autoajuda, cujas características apresentamos a seguir.

3.3.2 O gênero do discurso de autoajuda

Na concepção de Rüdiger (1995), autoajuda é:

[...] um conjunto de práticas articulado textualmente que, embora variado em sentido e campo de aplicação baseia-se em um mesmo motivo, no princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas. O denominador de todas elas é um individualismo segundo o qual o indivíduo precisa procurar dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades de vida. Os problemas com que luta, embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal que não tem a ver com a sociedade (RÜDIGER *apud* ASBARH, 2005, p. 23).

Os textos de autoajuda são construídos a partir de estratégias que lhes atribuem o poder de persuasão e convencimento. Esses textos funcionam como promessas e segredos de sucesso. Seus leitores o veem como uma "receita" de como ser feliz, como ganhar mais dinheiro, como conviver com as insatisfações.

Segundo Celusso (2011):

As obras de autoajuda têm um pai e uma data de nascimento. O pai foi Samuel Smiles³, médico escocês que escreveu um manual para ensinar à

³ Samuel Smiles nasceu na Escócia e viveu entre 1841 e 1904. O principal livro de sua autoria *Self-help*, foi publicado em mais de oito línguas, dentre elas o árabe e o japonês, confirmando o interesse

SILVA, G.C.;RIBEIRO, O.M.;BORGES-GUTIERRE, M.M.

classe operária como chegar ao paraíso do sucesso individual; a data de nascimento: 1959; nome de batismo: *Self-Help* (Autoajuda) (CELUSSO, 2011, p. 05).

O discurso de autoajuda propõe, portanto, a crença absoluta do sujeito em si mesmo e, essencialmente, de nunca duvidar do poder que tem de mudar a realidade. Conforme Oliveira (2006), no gênero autoajuda, incluem-se propostas de cura de vários males – físicos, emocionais – e de vários problemas – profissionais, financeiros, de relacionamento.

Para Celusso (2011), gênero de autoajuda também pode ser considerado como gênero retórico epidítico.

Neste gênero retórico, os autores dirigem-se explicitamente a auditórios, segundo suas características (sexo, idade, local de trabalho, tipo de trabalho), o que se encontra marcado nos discursos, com a finalidade de obter a adesão total aos modelos propostos. Seus leitores buscam suas obras, participam de suas conferências, vão às livrarias para saber das novidades, conversam com seus colegas e amigos a respeito da última publicação. Em suma, os autores são autoridades para o grupo social, pois vocalizam o que ele julga ser desejável, os valores que sustentam. Os autores persuadem porque falam a língua dos grupos, por isso a análise retórica é o instrumento adequado para identificar os valores sustentados pelos leitores (CELUSSO, 2011, p. 06).

Os textos de autoajuda difundem-se entre pessoas de todos os meios sociais, as quais procuram avidamente solução para situações difíceis, como por exemplo, vencer a ansiedade, a angústia, a dependência de drogas, a violência urbana, o estresse, entre outros.

Uma das características mais marcantes do gênero de autoajuda é a busca por bens materiais e “a progressão financeira pela competição, exploração e manipulação comunicativa” (CHAGAS, 2001. p. 38). Para o autor, a manipulação comunicativa é um dos elementos essenciais para a obtenção de sucesso. Chagas ressalta que, ao analisar a literatura de autoajuda, fica evidente um dos preceitos mais abordados: como envolver as pessoas para conseguir o sucesso, ou seja, como ludibriar os outros.

Para Chagas (2001, p. 38), o discurso de autoajuda se exhibe como uma forma mágica para que o indivíduo adquira riquezas materiais e “se dê bem”,

e expectativa de leitores em outros países. Foi um verdadeiro sucesso de vendas, chegando a ser impresso cinquenta vezes.

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos tirando proveito das situações e de outros indivíduos. Refere-se ainda a que o discurso de autoajuda constrói-se por meio de certezas absolutas, afirmações cabais que não aceitam qualquer tipo de questionamento ou dúvida.

O discurso persuasivo e a função predominantemente apelativa caracterizam a linguagem dos gêneros de autoajuda; a persuasão é utilizada como sinônimo de retórica e se alia ao poder de sedução, de argumentação e de subjetividade.

Os autores, muitas vezes, transmitem por meio da linguagem que utilizam uma certeza inquestionável, uma verdade pronta e uma mudança imediata movida apenas pelo ato de crer. Esses textos possuem uma linguagem positiva e veiculam as intenções do autor: convencer, persuadir, fazer com que o leitor realmente acredite e adote a ideia (OLIVEIRA, 2006).

Muitos autores escrevem o texto de autoajuda em forma de parábola, para que o leitor extraia muitas significações de cada apresentação. É como se a interpretação simbólica tornasse o sentido do texto mais elaborado. Nesse caso, a narrativa em primeira pessoa do singular sugere um sentido de experiência própria, fazendo com que o leitor creia que também possa vivenciar a mesma experiência.

O processo metafórico, acima citado, descreve o jogo enunciativo no texto de autoajuda. O enunciador desse tipo de texto utilizará da motivação, trabalho que ele exercerá sobre as palavras para motivá-las, torná-las apropriadas ao discurso.

Dessa forma, o autor distribuirá traços semânticos no texto com o uso de palavras que expressam uma ideia otimista em relação à mensagem que se deseja transmitir ao leitor. A comunicação, por meio desses textos, funciona como um grande jogo enunciativo. A produção de sentido do texto é, intencionalmente, pré-construída na estruturação do texto (OLIVEIRA, 2006).

Celusso afirma que:

As obras de autoajuda apresentam aos leitores um conjunto de argumentos que censuram e louvam o que se considera preferível fazer ou ter, o desejável, prometendo tornar melhor a vida pessoal e profissional, persuadindo-os de que a busca da felicidade está ao alcance da mão por meio de receitas apresentadas. Trata-se, portanto, de um discurso voltado para provocar ou aumentar a adesão às teses apresentadas por seus autores, para os auditórios particulares, segundo as observações de Perelman, pressupondo que torna-se necessário um contato entre o orador e seu auditório, o discurso precisa ser escutado, e que um livro seja lido (CELUSSO, 2011, p. 7).

Os gêneros de autoajuda prestam-se, sobretudo, a finalidades apreciativas e reflexivas, muitas vezes, por meio de tom moralizante. É o que temos observado no levantamento de dados e da organização do *corpus* deste trabalho, discussões que se ampliam no capítulo seguinte.

4 O discurso literário no Facebook: interação, diálogo e sentidos

Das abordagens até aqui estudadas para a realização desse trabalho, depreende-se que os discursos dialogam e se hibridizam nas diferentes situações de interação que a vida apresenta. Novos modos de organizar a linguagem fazem-se presentes nas práticas diárias de interação verbal, de modo a atender às necessidades dos sujeitos sociais, concomitantemente às exigências da linguagem frente aos movimentos e às transformações por que passa a sociedade.

Neste capítulo, ampliamos as possibilidades de análise da presença do discurso literário em postagens na rede social *Facebook*, com destaque aos modos de organização da linguagem e aos resultados da interação observados no diálogo entre os interlocutores que participam de grupos.

No que concerne ao discurso de autoajuda, um aspecto relevante na análise do teor persuasivo observado nas postagens é a investigação do conteúdo dos comentários. Quanto mais curtidas recebe uma postagem, mais ela se revela como persuasiva. A quantidade de curtidas é o sinal da adesão dos participantes da interação que acontece na *timeline* dos usuários. Outro aspecto que sinaliza a adesão ao discurso reflexivo dos fragmentos literários é o número de compartilhamentos, como se observa na postagem a seguir, de vinte e três de janeiro deste ano, no grupo *Clarice Lispector*⁴.

Figura 3: – Clarice Lispector – Pág. *Facebook*.

⁴ Em respeito a questões éticas, excluímos a identificação de usuários e registramos apenas os dados quantitativos e qualitativos dos comentários.



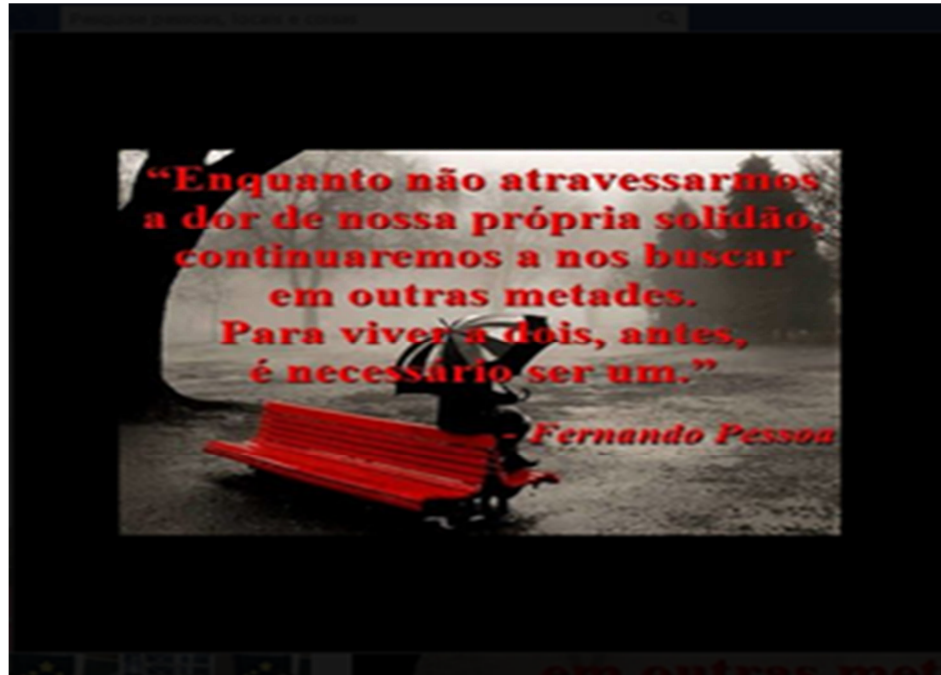
Fonte: Facebook. *print sreen da página de Clarice Lispector*. Disponível em <http://kdfrases.com/frase/98643>, acesso 01 ago. 2015.

A postagem do fragmento literário atribuído a Clarice Lispector obteve 125 curtidas e 512 compartilhamentos, números expressivos que revelam a adesão dos usuários ao discurso que, nesse contexto, torna-se reflexivo e põe o sujeito da postagem na condição de quem pensa sobre si e procura sua identidade nos significados do próprio texto e nos conteúdos valorativos veiculados.

Por outro lado, os comentários dos interlocutores restringem-se a “Fato!” (4), “Lindo” (1) e “Show!!!” (1). Embora em número significativamente menor, os comentários são decisivos na veiculação das apreciações dos leitores: concordam, mas não argumentam, ou seja, não ampliam as apreciações sobre o texto postado, o que sugere a ideia de “esvaziamento” de sentidos no diálogo entre os internautas, de modo a apenas reiterar o conteúdo reflexivo da postagem.

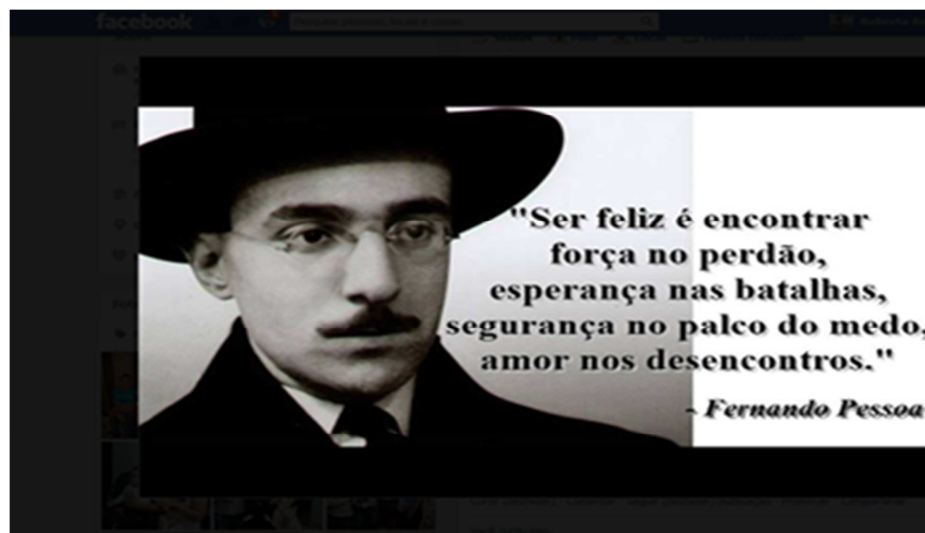
Na sequência, apresentamos duas das postagens mais frequentes de fragmentos atribuídos a Fernando Pessoa.

Figura 4 – Página Facebook – Fernando Pessoa



Fonte: “Para viver a dois...” www.facebook.com.br, *print sreen* de um perfil de estudante de Letras

Figura 5 – Página Facebook – *Fernando Pessoa*



Fonte: “Ser feliz é...” www.facebook.com.br, *print sreen* de um perfil de estudante de Letras

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos
Nos textos atribuídos a Fernando Pessoa, predominam os ensinamentos sobre relacionamento amoroso e as receitas de felicidade. Nem sempre os textos têm autoria garantida; a foto de Pessoa constitui-se mais como recurso de autoridade discursiva, o que confere maior peso argumentativo ao discurso.

De modo geral, os recursos não-verbais utilizados nas postagens de fragmentos literários ora trazem paisagens naturais ora retratam os autores mencionados.

Se por um lado deparamo-nos com as dúvidas sobre autoria, por outro encontramos a fragmentação intencional do texto literário, com a finalidade de traduzir sentimentos, emoções e experiências do locutor, as quais ele divulga no *status* do usuário. Na postagem a seguir, também alusiva a Fernando Pessoa, encontra-se um recorte do poema do heterônimo Alberto Caeiro – “O meu olhar é nítido como um girassol” -, de 08/3/1914, publicado em *O guardador de rebanhos*.

Figura: 6 – Fernando Pessoa



Fonte: Comunidade Fernando Pessoa e outros mestres da poesia
– *Facebook*

SILVA, G.C.;RIBEIRO, O.M.;BORGES-GUTIERRE, M.M.

O excerto em questão foi extraído do poema acima mencionado e reproduzido a seguir:

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...
Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar...

(Alberto Caeiro, em *O Guardador de Rebanhos*, 8-3-1914⁴)

A postagem de 30 de abril de 2015 recebeu 509 curtidas e foi compartilhada por 403 usuários. Reproduzimos a seguir os comentários efetuados por usuários integrantes da comunidade.

M.R. Bem assim!

Curtir · Responder · 30 de abril às 13:09

I. G. né

Curtir · Responder · 30 de abril às 13:30

G. S. Fernando <3

Curtir · Responder · 30 de abril às 20:09

⁴ PESSOA, Fernando. *O guardador de rebanhos e outros poemas*. Poesia completa de Alberto Caeiro, textos introdutórios de Fernando Pessoa, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. São Paulo: Landy, 2006, p. 32.

B.S.M lindo amadaaaaaaaaaaaaa
Curtir · Responder · 6 de maio às 09:46

M. I. S. D. DUARTE. REI DE PORTUGAL Meu dever fez-me, como DEUS ao Mundo/ A regra de ser Rei almou meu ser,/ Em di...Ver mais
Curtir · Responder · 1 · 12 de maio às 14:38

R. G. A. P. Brillhante poeta
Curtir · Responder · 25 de junho às 12:47

Os poucos comentários efetuados pelos interlocutores restringem-se a rápidas apreciações sobre o conteúdo dos versos (“Bem assim!”), de modo a afirmar e concordar com o *dizer* veiculado na postagem (“né”), com uma referência “íntima” ao autor, chamado pelo primeiro nome (“Fernando”) e com um elogio dirigido ao usuário pela postagem (“lindo amadaaaaaaaaaaaaa”) e outro dirigido ao autor (“Brilhante poeta”), cuja presença é reforçada pelo retrato caricatural que ilustra e referencia o excerto do poema. Nessa situação, a caricatura faz referência a Fernando Pessoa, ele mesmo, embora o poema seja do heterônimo Alberto Caeiro, como mencionado anteriormente. O comentário de M.I.S. recupera “D. Duarte, Rei de Portugal”, poema épico constituído de seis versos distribuídos em duas estrofes, e que aparentemente reflete sobre a brevidade do reinado de D. Duarte, de 1433 a 1438⁵.

Constata-se, na situação apresentada, que a *atitude responsiva* dos interlocutores revela pouco conhecimento sobre o heterônimo Alberto Caeiro e a obra citada. Isso sugere que o efeito da palavra sobre o *outro*, na interlocução e na interação entre usuários do *Facebook*, limita-se à reflexão e aos ensinamentos contidos em passagens pontuais do texto literário. Nesse sentido, os versos extraídos do poema passam a ter valor e função de parábola, para atender a uma necessidade específica do locutor, que busca mostrar seu estado de espírito e, ao mesmo tempo, compartilhar sua experiência como ensinamento, reflexão e orientação para a vida. O enunciador manifesta-se em primeira pessoa e se posiciona frente às transformações da vida que o renovam e o fazem (re)nascer para a “eterna novidade do Mundo”. Como discutimos anteriormente, a parábola

⁵ CAMOCARDI, Elêusis M. *Fernando Pessoa*. Mensagem: história, mito, metáfora. São Paulo: Arte & Ciência, 1996. E-book disponível em <https://books.google.com.br/books>. Acesso em 23/10/2015.

possibilita que o leitor extraia muitas significações de cada apresentação. A experiência própria sugerida pelo uso da primeira pessoa do singular cria o efeito simbólico de que o interlocutor pode vivenciar a mesma experiência, aspectos que caracterizam o discurso de autoajuda, por meio de um processo metafórico que cria o percurso de sentido da motivação.

A comparação entre a quantidade de comentários e a quantidade de curtidas e compartilhamentos revela que o excerto do poema exerce maior efeito de persuasão no interlocutor do que o conhecimento sobre o autor e sobre a essência da obra literária em sua completude.

Outro autor bastante citado em postagens é Mário Quintana. Da mesma forma como ocorre com os demais, nem sempre os textos utilizados são de sua autoria, mas o teor reflexivo proposto é, em geral, característico do discurso de autoajuda, como segue.

Figura 7: Mário Quintana



Fonte: Literatura Depressão – Página do *Facebook*

A postagem recebeu 33 curtidas e 41 compartilhamentos. Apenas um comentário foi feito e nele a *atitude responsiva* do interlocutor revela concordância e adesão ao conteúdo da mensagem (“bela mensagem”). Embora não tenha repercutido intensamente entre os usuários da rede social, trata-se de mais uma situação em que a linguagem literária articula suas funções ao discurso de autoajuda. O locutor faz veicular a voz de orientação e prescrição do sujeito enunciador (“não desças os degraus dos sonhos”) e, na reação explícita do interlocutor (“bela mensagem”), manifesta-se a adesão ao discurso. Nesta postagem, o locutor faz aconselhamentos, o que se evidencia pelos verbos no modo imperativo negativo – descer e subir – e no imperativo afirmativo – ficar -, como em: “Não desças os degraus dos sonhos...”, “Não subas aos sótãos” e “Não desças, não subas, fica”. Está exposta, nesta publicação, a ideologia (ou sentimento) do enunciador, que exprime seu medo de “pisar os degraus da realidade”, o que se evidencia também pelo vocábulo “monstros”. Revela-se, também, a ideologia presente no discurso religioso “Os deuses, por trás das suas máscaras, ocultam o próprio enigma”, o que pode produzir o efeito de sentido de desengano, decepção, e desencadear os aconselhamentos – “não desças”, “não subas” e, por fim, a advertência - “Fica”, porque tudo que parece ao homem, ser inexplicável ou ter causa oculta, está na vida: ”O mistério está é na tua vida! / E é um sonho louco este nosso mundo...”.

Como se observa, os diálogos interdiscursivos que produzem o efeito de autoajuda do enunciado postado trazem vozes que põem em conflito discursos sobre vida, crenças, sentimentos, mas o propósito maior é o teor reflexivo.

Na situação a seguir, há certa singularidade não observada nas demais: a ênfase não recai sobre o texto verbal, mas sobre a foto e a assinatura de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 9 – Carlos Drummond de Andrade



Fonte: Literatura Depressão

A publicação acima faz parte de um dos fragmentos literários postados na rede social *Facebook*, com referência ao poeta Carlos Drummond de Andrade, um poeta que se consagrou no movimento modernista e em cujas temáticas incluiu a questão existencialista.

Na situação apresentada consta que a publicação é 14 de abril de 2013 e obteve 84 curtidas e 92 compartilhamentos, deixando clara a aceitação do interlocutor, seja ele por conhecer o poeta e/ou a obra descrita no fragmento. O texto sobreposto à imagem é um excerto da crônica *Perder, ganhar, viver*, do autor, a qual retrata a derrota que, muitas vezes, temos que passar como pessoas. A palavra “perder” traz a ideia de que nunca estamos preparados para a tal situação e que o “começar” estabelece uma posição de estar no mundo e deixar a vida seguir o seu curso diante da derrota.

A foto do autor ao fundo, cabisbaixo, desolado, dialoga com o conteúdo do texto verbal, sobretudo pelos sentidos contidos em “perder” e a frustração resultante desse sentimento. As cores em tons escuros acinzentados também remetem aos sentidos explicitados e reiteram a mensagem de reflexão sobre a vida

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos e seus percalços. A imagem do poeta sugere, ainda, introspecção e, ao mesmo tempo, permite que observe o poeta na intimidade do lar.

Além dos diálogos entre discurso literário e de autoajuda, outro aspecto que chama a atenção nas postagens são os desdobramentos de sentidos decorrentes da utilização de um estilo paródico relativo ao discurso literário. Nesses casos, a autoajuda não se faz presente e cede lugar ao discurso de humor resultante da paródia, como se observa no enunciado reproduzido a seguir.

Figura 10 – Machado de Assis



Fonte: Literatura Depressão via Brasileiríssimos

A publicação alude à obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e sua protagonista feminina Capitu. O jogo entre a escrita e a imagem possibilita que o interlocutor, ao ler o texto, identifique essas informações. No entanto, como é próprio da paródia, os sentidos desdobram-se, o que se garante também pela seleção das palavras. O uso do nome próprio da personagem “Capitu” aproxima-se sonoramente do verbo “capturar” e com ele constrói o tom humorístico de uma *cantada*. O uso do vocativo “Linda” assegura a orientação do enunciado a um interlocutor possível, ou seja, faz um apelo a presença desse interlocutor, ao mesmo tempo em que o relaciona à personagem do livro.

Outra análise que se pode fazer diz respeito à posição de leitura desses interlocutores, sobre o conhecimento da história, na qual se apresenta “Capitu” como uma mulher astuta, dissimulada e conquistadora, diferenciando-a das outras mulheres. A imagem do autor Machado de Assis constrói referências sobre a obra literária, o que também sustenta, por meio do conteúdo da narrativa, o poder simbólico e o lugar da personagem feminina, como forma de representar a mulher. No entanto, corre-se o risco de que o sentido desvie-se de seus propósitos se o interlocutor desconhece as referências literárias presentes no enunciado.

Outra situação de desdobramento de sentidos é apresentada a seguir.

Figura 11: *O Pequeno Príncipe*



Fonte: Página do *Facebook*

Já essa postagem apresenta uma situação de duplo sentido na palavra “gato”, dando uma ambiguidade no termo que pode referir-se a um animal e/ou a um homem bonito, colocando em evidência a figura masculina e a busca da transformação em seu estado de alma, ou seja, o locutor tem o papel de influência e reflexão sobre o próprio “eu”, fala na primeira pessoa.

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos
Também traz imagens alusivas ao livro *O Pequeno Príncipe*, escrito por Saint-Exupéry. A postura do gato, as suas vestes e, até mesmo o cabelo possibilitam compará-lo ao desenho do personagem do livro.

No enunciado, de modo implícito, o signo ideológico “ vaidade ” manifesta-se, logo de início, na ambiguidade da palavra gato: animal vs homem belo. O sentido de vaidade reforça-se pela imagem da rosa, que assim se apresenta no obra em questão.

Constata-se, por fim, o desenho do elefante feito pela criança da história, o qual representa a figura de uma cobra que engole o elefante, de modo a se construir paralelamente o sentido da ambição e/ou da dominação.

Como nos demais enunciados analisados, a organização da linguagem articula elementos verbo-visuais e reitera as características que se estabilizam nos gêneros que circulam no box status do *Facebook*. Outros aspectos de estabilidade dizem respeito às alusões e referências ao discurso literário, que deixa de ser compreendido na esfera de produção artística e passa a integrar o discurso cotidiano da interação a distância.

Como fator de instabilidade, observam-se nos enunciados desdobramentos de sentidos que circulam entre o discurso de autoajuda e o discurso de humor.

5 Considerações finais

Chegamos ao final desta etapa de estudo e pesquisa, para a qual propusemos investigar e analisar a presença do discurso literário em postagens da rede social *Facebook*, no *status* dos sujeitos que interagem em perfis, grupos e comunidades.

De início, este trabalho teve como objetivo refletir sobre os gêneros que dialogam na constituição dos enunciados, no discurso dos usuários. Contatamos a intensa presença do discurso de autoajuda, não propriamente no texto verbal de origem – em geral poemas -, mas na utilização que dele se faz e nas funções que adquire na interlocução.

No que concerne à organização dos enunciados elaborados para as postagens, em seus aspectos composicionais, temáticos e estilísticos estabilizam-se determinadas características que compreendem: a fragmentação e seleção de trechos dos textos literários utilizados, a articulação de recursos verbo-visuais, de modo que as imagens ilustrem o texto verbal, sem, no entanto, se relacionarem diretamente com o conteúdo temático; em alguns casos, apenas constituem o cenário a que o texto verbal se sobrepõe. Ressalte-se, também, que há uma aparente despreocupação dos internautas em garantir a autoria dos textos literários e a fidelidade das fontes mencionadas, prática que tem resultado em dúvidas e questionamentos.

Como aspectos de instabilidade, embora o *box status* procure definir o que o sujeito usuário da rede pensa ou sente, há situações em que o tom reflexivo e o aspecto de parábola da autoajuda são substituídos pela paródia e pelo discurso de humor. Nesses casos, as referências e alusões ao discurso literário tornam-se menos explícitas, posto que se diluem no tom humorístico e por vezes irônico da paródia.

É importante destacar, como postula Mikhail Bakhtin, que a linguagem é representativa das esferas sociais em que se produz. Nesse sentido, compreendê-la pressupõe considerar a presença dos sujeitos que interagem e os propósitos dessa interação.

No ambiente virtual, os sujeitos não se encontram em situação de comunicação face-a-face. No entanto, as características do processo de interação a distância nas redes sociais assemelha-se às conversas cotidianas, na medida em que se constroem perfis de amizade e as pessoas estabelecem relações de proximidade virtual. No entanto, mesmo com essa proximidade, o diálogo entre pessoas que interagem virtualmente revela-se fragmentado e/ou esvaziado de sentidos, o que, em geral, não ocorre na comunicação face-a-face. Há na interação virtual em redes sociais um aparente contrato que põe os sujeitos diante do compromisso de responder e, dessa forma, marcar presença como participante ativo do diálogo.

Os resultados a que chegamos reiteram os movimentos e as transformações da linguagem. Na perspectiva de análise de gêneros de discurso,

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos como postula Mikhail Bakhtin, constatamos que os gêneros surgem no diálogo com outros gêneros; ao mesmo tempo que se transformam, conservam aspectos de sua origem. Os gêneros literários, considerados secundários e complexos, em sua origem, adquirem estatuto diferente quando passam a integrar o discurso das redes sociais. Tornam-se mais propícios às reflexões sobre a vida e as relações humanas e, pode-se dizer, perdem sua singularidade artística, cultural e histórica relativa a uma estética e no contexto de produção de uma obra, em seu todo.

A linguagem modifica-se em função das transformações sociais, no curso da história e no espaço cultural, e em vista das necessidades de interação entre sujeitos. O avanço tecnológico e o surgimento de novas possibilidades de contato entre sujeitos, sobretudo na interação a distância, têm condicionado essas transformações que, para os estudiosos da linguagem, justificam a necessidade de investigação constante.

Referências

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução de Jaime Bruna. 5 .ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

ASBAHR, M.; Os professores leitores dos livros de auto-ajuda para crianças. 2005. 175 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, Annablume, 2002.

BAKHTIN. M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN. M. *Estética da criação verbal*. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernadini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 13-70.

BAKHTIN, M.M.; VOLOSCHINOV, V.N. Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica). 1926. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I.R. Titunik a partir do original russo.

BAKHTIN, M. Língua, fala e enunciação. In: _____. *M. Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros. As contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 27 – 38.

BORGES-GUTIERRE, Maria Madalena. A natureza social e heterogênea dos gêneros discursivos. In *Estudos linguísticos XXXIV*. São Paulo, GEL – Grupo de Estudos Linguísticos, 2005, p. 235 – 240.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

_____. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Helena H.Nagamine (Coord.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 5).

CELESTINO, Ricardo; CHAVES, Ramon Silva. Os discursos de Clarice Lispector como enunciados aforizantes de autoajuda na rede social Facebook. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/14484>>. Acesso em 24 de jul. 2015.

CELUSSO, Sílvia do Socorro. O discurso da autoajuda: um estudo retórico a partir das escolhas de docentes leitores e seus diferentes auditórios. Disponível em:

O DISCURSO LITERÁRIO NO FACEBOOK: interação, diálogos e sentidos
<<http://fundepe.com/novo/ivief/trabalhos/2899%20%20Silvia%20do%20Socorro%20Celusso.doc>>. Acesso em 24 jul. 2015.

CHAGAS, A. *A ilusão no discurso de autoajuda e o sintoma social*. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

FACEBOOK. *Print screen da página de Clarice Lispector*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=538216262864792&set=a.493360117350407.118124.493356647350754&type=1&theater>>. Acesso em: 16 out. de 2013.

FACEBOOK. *Print screen da página de Cora Coralina*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Cora-Coralina/218303838230682?fref=ts>>. Acesso em: 27 ago. de 2013.

FACEBOOK. *Print screen da página de Cora Coralina*. Disponível em <http://www.mensagens10.com.br/mensagem/2837>. Acesso em 24 jun. de 2014.

FACEBOOK. *Print screen da página de Cora Coralina*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Cora-Coralina/218303838230682?fref=ts>>. Acesso em: 24 jun. de 2014.

KIRKPATRIK, David. *O feito facebook*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. São Paulo: Imago/ FAPESP, 1995. (Série Diversos)

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Dionísio, A.P; Machado, A.R; Bezerra, M.A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.19-36.

MEURER, J.L. O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem. In: FORTKAMP, M.B.; L.M.B. (Orgs.). *Aspectos da linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000.

MIOTELLO, Waldemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Sheila Fernandes Pimenta e. *Discurso, gênero e argumentação na autoajuda de Shinyashiki*. Araraquara 2006. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

RIBEIRO, Ivi Furloni. *A autoajuda como interdiscursividade em "O alquimista" de Paulo Coelho*. Disponível em <http://www.bdtd.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2651>. Acesso em 24 de jul. 2015.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Revista Linguagem em Discurso*, v. 4, n. 2, jan./jun., 2004.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Desirée. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p.152-183

SILVA, Nívea Rohling da. *O gênero entrevista pingue-pongue: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro*. São Carlos: Pedro & João, 2009. p. 53.